

O Profeta

Kahlil Gibran

A Chegada do Navio



Imustafa, o escolhido e bem amado, que era aurora do seu próprio dia, esperara doze anos na cidade de Orfalés pelo navio que havia de o recolher e levar de volta à sua ilha natal.

E no décimo segundo ano, no sétimo dia de Eilul, o mês das colheitas, subiu à colina sem muralhas e pôs-se a olhar para o mar; e viu o seu navio aparecer com a bruma.

Então as portas do seu coração abriram-se e a sua alegria voou longe sobre o mar. E ele fechou os olhos e orou no silêncio da sua alma.

Mas enquanto descia a colina, apoderou-se dele uma grande tristeza e pensou com o coração:

Como poderei partir em paz e sem mágoa? Não, não vou sair da cidade com uma ferida no espírito.

Muitos foram os dias de dor que passei dentro das suas muralhas, e muitas foram as noites de solidão; e quem pode separar-se da dor e da solidão sem mágoa?

Espalhei demasiados fragmentos do espírito por estas ruas, e muitos são os filhos da nostalgia que caminham nus por estas colinas, e não posso afastar-me deles sem peso nem dor.

Não é a roupa que hoje dispo, mas uma pele que arranco com as minhas próprias mãos.

Nem é um pensamento que deixo atrás de mim, mas um coração tornado doce pela fome e pela sede.

No entanto, não posso demorar-me mais.

O mar que chama todas as coisas, chama-me também e tenho de embarcar.

Pois ficar, embora as horas esquentem na noite, é gelar e cristalizar e perder-me numa forma.

De bom grado levaria tudo o que aqui se encontra. Mas como o poderei fazer?

Uma voz não pode transportar a língua e os lábios que lhe deram asas. Terei de procurar sozinho o etéreo.

E solitária e sem ninho a águia atravessará o sol.

Quando chegou ao fundo da colina, voltou-se para o mar e viu o seu navio aproximar-se do porto, e na proa os marinheiros, os homens da sua pátria.

E a sua alma gritou-lhes e ele disse:

Filhos da minha velha mãe, vós, cavaleiros das marés,

Quantas vezes velejastes nos meus sonhos. Agora apareceis no meu despertar, que é o meu sonho mais profundo.

Pronto estou eu para ir, e a minha ânsia pelas velas desfraldadas aguarda o vento.

Só respirarei mais uma vez neste ar imóvel, só mais um olhar de amor para trás,

E então encontrar-me-ei entre vós, um marinheiro entre marinheiros.

E, enquanto caminhava, avistou ao longe homens e mulheres que saíam dos campos e das vinhas e se apressavam em direcção aos portões da cidade.

E ouviu as suas vozes chamarem-lhe o nome, gritando de campo para campo, anunciando uns aos outros a chegada do navio.

E disse para consigo:

Será o dia da partida o dia da reunião?

E poderá em verdade ser dito que a minha noite foi a minha aurora?

E que darei àquele que deixou a charrua a meio de um sulco ou àquele que fez parar a roda do seu lagar?

Tornar-se-à o meu coração uma árvore carregada de frutos que eu possa reunir para lhes dar?

E conseguirão os meus desejos fluir como uma fonte para que eu possa encher-lhes os cálices?

Sou uma harpa que a mão dos poderosos pode tocar, ou uma flauta cujo sopro passa por mim?

Sou aquele que procura os silêncios, e que tesouros encontrei nos silêncios que possa dispensar com confiança?

Se este é o dia da minha colheita, em que campos espalhei a semente, e em que esquecidas estações?

Se esta é verdadeiramente a hora em que erguerei a minha lanterna, não é a minha chama que lá irá arder.

Erguerei a minha lanterna vazia e escura.

E o guardião da noite enchê-la-à de petróleo e alumiá-la-à.

Estas coisas disse ele em palavras. Mas muito no seu coração ficou por dizer. Porque ele próprio não podia falar do seu segredo mais profundo.

E quando entrou na cidade todos vieram ter com ele, e todos choravam a uma só voz.

E os anciãos da cidade avançaram e disseram:

Não te apartes ainda de nós.

Tu foste o sol do meio dia no nosso crepúsculo, e a tua juventude deu-nos sonhos para sonhar.

Não és nenhum estranho entre nós, nem um hóspede, mas nosso filho eleito e adorado.

Que os nossos olhos não sofram ainda por deixar de te ver.

E os sacerdotes e sacerdotisas disseram-lhe:

Não deixes que as ondas do mar nos separem agora, e que os anos que passaste entre nós se transformem numa recordação.

Caminhaste entre nós como um espírito, e a tua sombra tem iluminado os nossos rostos.

Muito te temos amado. Mas o nosso amor era sem palavras, e coberto com véus.

E agora grita bem alto e desvenda-se perante ti.

É que o amor só conhece a sua profundidade na hora da separação.

E outros chegaram e com ele falaram.

Mas ele não lhes respondeu. Limitou-se a curvar a cabeça; e aqueles que se encontravam perto viram as lágrimas caírem-lhe sobre o peito.

E ele e os outros dirigiram-se para a grande praça frente ao templo.

E do santuário saiu uma mulher que se chamava Almitra e era vidente.

E ele olhou-a com grande ternura, pois fora ela a primeira que acreditara nele quando estava na cidade havia só um dia.

E ela disse-lhe:

Profeta de Deus, na busca do supremo, muito procuraste as distancias do teu navio.

E agora o teu navio chegou e tu tens de ir.

Profunda é a ânsia pela terra das tuas memórias e pelo paradeiro dos teus maiores desejos; e o nosso amor não te vai reter, nem as nossas necessidades te prenderão.

E agora que vais partir pedimos-te que fales connosco e nos reveles a tua verdade.

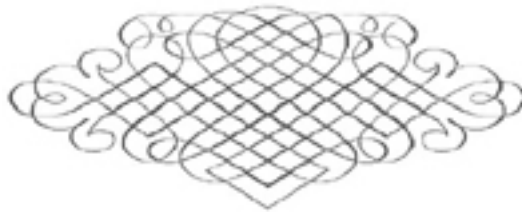
E nós passá-la-emos aos nossos filhos, e eles aos filhos deles e ela nunca morrerá.

Na tua solidão observaste os nossos dias, e no teu despertar ouviste o choro e o riso do nosso sono.

Agora revela-te a nós, e diz-nos o que te foi mostrado e que existe entre o nascimento e a morte.

E ele respondeu:

Povo de Orfalés, de que vos poderei falar, excepto daquilo que agora se está a passar na nossas almas?



Sobre o Amor



ntão Almitra disse, fala-nos do Amor.

E ele ergueu a cabeça e olhou para o povo e caiu uma grande imobilidade sobre eles. E em voz poderosa ele disse:

Quando o amor vier ter convosco,

Seguros embora os seus caminhos sejam árduos e sinuosos.

E quando as suas asas vos envolverem, abraçai-o, embora a espada oculta sob as asas vos possa ferir.

E quando ele falar convosco, acreditai,

Embora a sua voz possa abalar os vossos sonhos como o vento do norte devasta o jardim.

Pois o amor, coroando-vos, também vos sacrificará. Assim como é para o vosso crescimento também é para a vossa decadência.

Mesmo que ele suba até vós e acaricie os mais ternos ramos que tremem ao sol,

Também até às raízes ele descera e abaná-las-à

Enquanto elas se agarram à terra.

Como molhos de trigo ele vos junta a si.

Vos amanhã para vos pôr a nu.

Vos peneira para vos libertar das impurezas.

Vos mói até à alvura.

Vos amassa até vos tomardes moldáveis;

E depois entrega-vos ao seu fogo sagrado, para que vos tomeis pão sagrado para a sagrada festa de Deus.

Toda estas coisas vos fará o amor até que conheçais os segredos do vosso coração, e, com esse conhecimento, vos tomeis um fragmento do coração da Vida.

Mas se, receosos, procurardes só a paz do amor e o prazer do amor,

Então é melhor que oculteis a vossa nudez e saiais do amor,

Para o mundo sem sentido onde riereis, mas não com todo o vosso riso, e chorareis mas não com todas as vossas lágrimas.

O amor só se dá a si e não tira nada senão de si.

O amor não possui nem é possuído;

Pois o amor basta-se a si próprio.

Quando amardes não deveis dizer "Deus está no meu coração", mas antes "Eu estou no coração de Deus".

E não penseis que podeis alterar o rumo do amor, pois o amor, se vos achar dignos, dirigirá o seu curso.

O amor não tem outro desejo que o de se preencher a si próprio.

Mas se amardes e tiverdes desejos, que sejam esses os vossos desejos:

Fundir-se e ser como um regato que corre e canta a sua melodia para a noite.

Para conhecer a dor de tanta ternura.

Ser ferido pela vossa própria compreensão do amor;

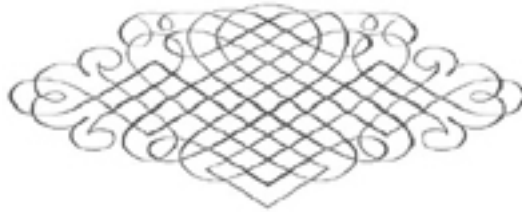
E sangrar com vontade e alegremente.

Despertar de madrugada com um coração alado e dar graças por mais um dia de amor;

Repousar ao fim da tarde e meditar sobre o êxtase do amor;

Regressar a casa à noite com gratidão;

E depois adormecer com uma prece para os amados do vosso coração e um cântico de louvor nos vossos lábios.



Sobre o Casamento



ntão Almitra falou novamente e disse,

E quanto ao casamento, Mestre?

E ele respondeu, dizendo:

Nascestes juntos, e juntos ficareis para sempre.

Estareis juntos quando as asas brancas da morte acabarem com os vossos dias.

Ah, estareis juntos mesmo na memória silenciosa de Deus.

Mas que haja espaços na vossa união e que os ventos celestiais possam dançar entre vós.

Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor uma prisão;

Deixai antes que seja um mar ondulante entre as margens das vossas almas.

Enchei a taça um do outro mas não bebais de uma só taça.

Parti o vosso pão ao meio mas não comais do mesmo pão.

Cantai e dançai juntos, mas deixai que cada um de vós fique sozinho.

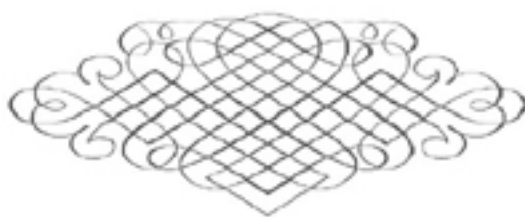
Como as cordas de uma lira estão sozinhas embora vibrem ao som da mesma música.

Entregai os vossos corações mas não ao cuidado um do outro.

Pois só a mão da Vida pode conter os vossos corações.

E ficai juntos mas não demasiado juntos:

Pois os pilares do templo estão afastados, e o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.



Sobre as Crianças



epois, uma mulher que trazia uma criança ao colo disse, Fala-nos das Crianças.

E ele respondeu:

Os vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da Vida que anseia por si mesma.

Eles vêm através de vós mas não de vós.

E embora estejam convosco não vos pertencem.

Podeis dar-lhes o vosso amor mas não os vossos pensamentos, pois eles têm os seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar os seus corpos mas não as suas almas.

Pois as suas almas vivem na casa do amanhã, que vós não podereis visitar, nem em sonhos.

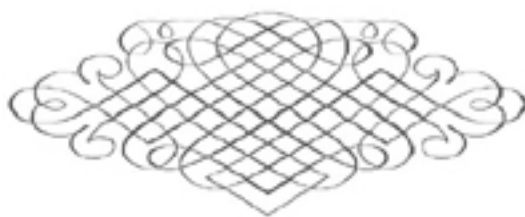
Podereis tentar ser como eles, mas não tenteis torná-los como vós.

Pois a vida não anda para trás nem se detém no ontem.

Vós sois os arcos de onde os vossos filhos, quais flechas vivas, serão lançados.

O arqueiro vê o sinal no caminho do infinito e Ele com o Seu poder faz com que as Suas flechas partam rápidas e cheguem longe.

Que a vossa inflexão na mão do Arqueiro seja para a alegria;
Pois assim como Ele ama a flecha que voa,
Também ama o arco que se mantém estável.



Sobre a Dádiva



epois um homem rico disse, Fala-nos da Dádiva.

E ele respondeu:

Dais muito pouco quando estais a dar o que vos pertence.

Só quando vos dais a vós próprios é que estais verdadeiramente a dar.

Pois o que são as vossas pertenças senão aquilo que guardais com medo de necessitar amanhã?

E amanhã, que trará o amanhã ao cão prudente que vai enterrando ossos na areia sem marcas enquanto segue os peregrinos até à cidade santa?

E o que é o medo da necessidade senão a própria necessidade?

Não é o receio da sede que sentis quando o vosso poço está cheio, da sede insaciável?

Há aqueles que dão pouco do muito que têm, e fazem-no para conseguirem reconhecimento e o seu desejo oculto torna as suas dádivas sem valor.

E há aqueles que, tendo pouco, tudo dão.

Esses são os que acreditam na vida e na magnificência da vida e o seu cofre nunca está vazio.

Há aqueles que dão com alegria, e essa alegria é a sua recompensa.

E há aqueles que dão com dor e essa dor é o seu baptismo.

E há aqueles que dão e não conhecem a dor ao dar, nem procuram alegria, nem dão para se sentirem virtuosos;

Dão, tal como no vale a murta exala o seu perfume para o espaço.

E através das mãos desses que Deus fala, e por detrás dos seus olhos que Ele sorri para a terra.

É bom dar quando vos é pedido, mas é melhor dar se vos pedirem só através da compreensão;

E para o que tem as mãos abertas a busca daquele que vai receber é uma alegria maior do que dar.

E que podereis conservar?

Tudo o que possuíis será um dia dado.

Por isso dai agora, agora que a época da dádiva pode ser vossa e não dos vossos herdeiros.

Dizeis muitas vezes "Eu daria, mas só a quem o merecesse".

As árvores do vosso pomar não dizem isso, nem os rebanhos nas pastagens.

Eles dão para poder viver, pois não dar é perecer.

Aquele que é merecedor das suas noites e dos seus dias é com certeza merecedor de tudo.

E aquele que mereceu beber do oceano da vida merece encher a taça no vosso ribeiro.

E que deserto maior haverá do que aquele que assenta na coragem e na confiança de receber?

E quem sois vós para que os homens se desnudem e exponham o seu orgulho, para que os possais ver nus e com o orgulho a descoberto?

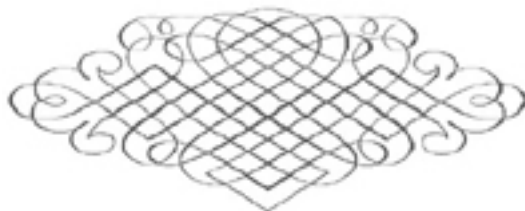
Certificai-vos primeiro de que sois dignos de dar e de ser instrumento da dádiva.

Pois, na verdade, é a vida que dá à vida, enquanto vós, que vos considerais dadores, não passais de testemunhas.

E vós, os que recebeis – e todos recebeis – não carregueis o fardo da gratidão, pois estareis a colocar um jugo sobre vós e sobre aquele que dá.

Erguei-vos antes juntamente com o que dá, sobre essas dádivas como se elas fossem asas;

Porque ter demasiada consciência da vossa dívida é duvidar da generosidade daquele que tem a terra de coração livre como mãe e Deus como pai.



Sobre a Comida e a Bebida



depois um velho Dono de uma estalagem, disse, Fala-nos da Comida e da Bebida.

E ele respondeu:

Deverieis viver da fragrância da terra, e, tal como uma planta, sustentar-vos com a luz.

Mas como tendes que matar para comer, e retirar o recém nascido do leite da sua mãe para aplacar a vossa sede, então fazei disso um acto de veneração, e fazei um altar onde os puros e inocentes da floresta e da planície sejam sacrificados para aquilo que é mais puro e ainda mais inocente no homem.

Quando matardes um animal, dizei-lhe com todo o coração:

– Pelo mesmo poder com que te abato, também eu sou abatido; e também eu serei consumido.

Porque a lei que te entregou nas minhas mãos me irá entregar a uma mão mais poderosa.

O teu sangue é o meu sangue mais não são do que a seiva que alimenta a árvore do céu.

E quando esmagardes uma maçã com os vossos dentes, dizei com todo o vosso coração:

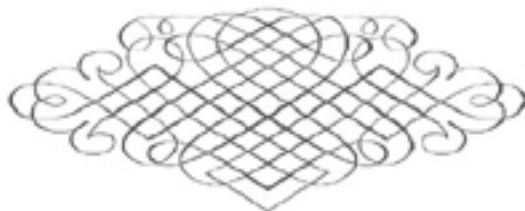
– As tuas sementes viverão no meu corpo, e os botões do teu amanhã florescerão no meu coração, e a tua fragrância será a minha respiração, e juntos nos regozijaremos em todas as estações.

E no outono, quando colherdes as uvas das vossas vinhas, dizei com todo o coração:

– Também eu sou uma vinha e o meu fruto será colhido para o lagar, e, tal como o vinho novo, serei conservado em jarros eternos.

E no inverno, quando provardes o vinho, que haja no vosso coração uma canção para cada taça;

E que na canção haja a recordação dos dias de outono, da vinha e do lagar.



Sobre o Trabalho



epois um operário disse-lhe, Fala-nos do Trabalho.

E ele respondeu, dizendo:

Vós trabalhais para poder manter a paz com a terra e a alma da terra.

Pois ser ocioso é tornar-se estranho às estações e ficar afastado da procissão da vida que marcha majestosamente e com orgulhosa submissão em direcção ao infinito.

Quando trabalhais sois uma flauta através da qual o sussurro das horas se transforma em música.

Qual de vós quereria ser uma cana muda e silenciosa, quando tudo o resto canta em uníssono?

Sempre vos disseram que o trabalho é uma maldição e o labor um infortúnio.

Mas eu digo-vos que quando trabalhais estais a preencher um dos sonhos mais importantes da terra, que vos foi destinado quando esse sonho nasceu, e quando vos ligais ao trabalho estais verdadeiramente a amar a vida, e amar a vida através do trabalho é ter intimidade com o segredo mais secreto da vida.

Mas se na dor chamais ao nascimento uma provação e à manutenção da carne uma maldição gravada na vossa frente, então digo-vos que nada, excepto o suor na vossa frente, apagará aquilo que está escrito.

Também vos foi dito que a vida é escuridão, e no vosso cansaço fazeis-vos eco de tudo o que os cansados vos disseram.

E eu digo que a vida é mesmo escuridão excepto quando existe necessidade,

E toda a necessidade é cega excepto quando existe sabedoria.

E toda a sabedoria é vã excepto quando existe trabalho,

E todo o trabalho é vazio excepto se houver amor;

E quando trabalhais com amor estais a ligar-vos a vós mesmos, e uns aos outros, e a Deus.

E o que é trabalhar com amor?

É tecer o pano com fios arrancados do vosso coração, como se os vossos bem amados fossem usar esse pano.

É construir uma casa com afecto, como se os vossos bem amados fossem viver nessa casa.

É semear sementes com ternura e fazer a colheita com alegria, como se os vossos bem amados fossem comer a fruta.

É dar a todas as coisas um sopro do vosso espírito, e saber que todos os abençoados defuntos estão à vossa volta a observar-vos.

Muitas vezes vos ouvi dizer, como se estivesseis a falar durante o sono, "Aquele que trabalha o mármore e encontra na pedra a forma da sua própria alma é mais nobre do que aquele que trabalha a terra.

E aquele que agarra o arco-íris para o colocar numa tela à semelhança do homem, é mais do que aquele que faz as sandálias para os nossos pés."

Mas eu digo, não no sono, mas no despertar, que o vento não fala mais documento com o carvalho gigante do que com a mais ínfima erva;

E é grande aquele que, sozinho, transforma a voz do vento numa canção tornada doce pelo seu amor.

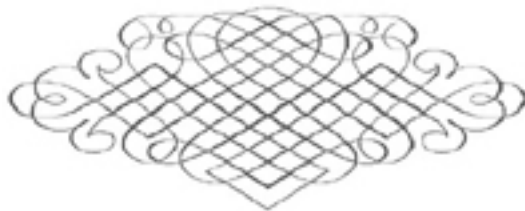
O trabalho é o amor tornado visível.

E se não sabeis trabalhar com amor mas com desagrado, é melhor deixardes o trabalho e sentar-vos à porta do templo a pedir esmola àqueles que trabalham com alegria.

Pois se fizerdes o pão com indiferença, estareis a fazer um pão tão amargo que só saciará metade da fome.

E se esmagardes as uvas de má vontade, essa má vontade contaminará o vinho com veneno.

E se cantardes como anjos mas não apreciardes os cânticos, estareis a ensurdecendo os ouvidos do homem às vozes do dia e às vozes da noite.



Sobre a Alegria e a Tristeza



depois uma mulher disse, Fala-nos da Alegria e da Tristeza.

E ele respondeu:

A vossa alegria é a vossa tristeza mascarada.

E o mesmo poço de onde sai o vosso riso esteve muitas vezes cheio de lágrimas.

E como poderá ser de outra maneira?

Quanto mais fundo a tristeza entrar no vosso ser, maior é a alegria que podereis conter.

A taça que contém o vosso vinho não é a mesma que foi feita no forno do oleiro?

E a lira que vos apanigua o espírito não é da mesma madeira com que foram esculpidas as facas?

Quando estiverdes alegres, olhai bem dentro do vosso coração e descobrireis que só aquele que vos deu tristezas vos dá também alegrias.

Quando estiverdes tristes, olhai novamente para dentro do vosso coração e vereis que na verdade estais a chorar por aquilo que foi a vossa alegria.

Alguns de vós dizeis, "A alegria é maior que a tristeza" e outros dirão "Não, a tristeza é maior".

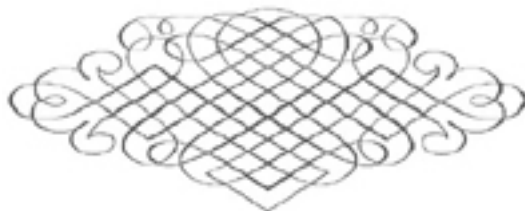
Mas eu digo-vos que são inseparáveis.

Juntas vêm, e, quando uma se senta junto de vós lembrai-vos que a outra está a dormir na vossa cama.

Na verdade, estais suspensos como balanças entre a vossa tristeza e a vossa alegria.

Só quando vos esvaziais ficais em equilíbrio e imóveis.

Quando o guardador de tesouros vos erguer para pesar o seu ouro e a sua prata, nem a vossa alegria nem a vossa tristeza se devem alterar.



Sobre as Casas



epois um pedreiro aproximou-se e disse, Fala-nos das Casas.

E ele respondeu, dizendo:

Na vossa imaginação construí um abrigo na floresta antes de construirdes uma casa dentro das muralhas da cidade.

Pois assim como tendes vontade de regressar ao crepúsculo, também o errante que existe em vós, sempre distante e solitário o tem.

A vossa casa é o vosso corpo em ponto grande.

Cresce ao sol e dorme na quietude da noite; e tem sonhos.

A vossa casa não sonha?

E ao sonhar não deixa a cidade e vai para os bosques e colinas?

Pudesse eu juntar as vossas casas na minha mão e espalhá-las pelas florestas e pelos prados.

Os vales seriam as vossas ruas, e os caminhos verdes as vossas avenidas, e procurarieis uns pelos outros nas vinhas e trarieis nas vossas roupas a fragrância da terra.

Mas ainda não chegou o momento dessas coisas acontecerem.

Os vossos antepassados, com receio, fizeram-vos permanecer juntos.

E esse receio perdurará mais algum tempo.

Mais algum tempo e as muralhas da vossa cidade separarão os vossos lares dos vossos campos.

E disse-me, povo de Orfalés, que tendes vós nessas casas?

Que guardais vós a sete chaves?

Tendes paz, a calma necessidade que revela o vosso poder?

Tendes recordações nas abóbadas que assentam nos cumes do espírito?

Tendes a beleza que conduz o coração das coisas modeladas em madeira e pedra à montanha sagrada?

Dizei-me, tendes isto nas vossas casas?

Ou só tendes conforto e o desejo do conforto, essa coisa que entra na vossa casa como hóspede e logo se transforma em dono e depois se apossa de tudo?

Ah, e se transforma em domador, e com o chicote faz dos vossos maiores desejos meras marionetas.

Embora as suas mãos sejam de seda, o seu coração é de ferro.

Embala-vos até adormecerdes para ficar junto à vossa cama e escarnecer da dignidade da carne.

E troça dos sentidos sensatos e torna-os frágeis navios.

Na verdade, o desejo do conforto mata a paixão da alma e depois acompanha, sorrindo, o seu funeral.

Mas vós, filhos do espaço que repousais na inquietude, não vos deixareis apanhar nesta ratoeira nem vos deixareis domar.

A vossa casa não será uma ancora mas um mastro.

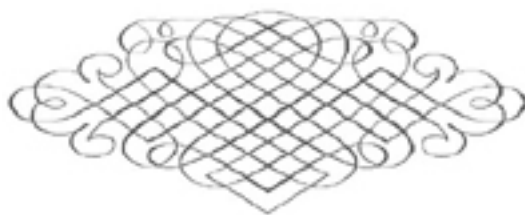
Não será uma ténue película que tapa uma ferida, mas uma pestana que guarda o olho.

Não encolhereis as vossas asas para passardes pelas portas, nem curvareis as vossas cabeças para que não batam no tecto, nem receareis respirar com medo que as paredes se desmoronem.

Não vivereis em túmulos feitos pelos mortos para os vivos.

E, embora magnificente e resplendorosa, a vossa casa não reterá o vosso segredo nem abrigará a vossa aspiração.

Pois aquilo que é ilimitado em vós habita a mansão do céu, cuja porta é a neblina matinal e cujas janelas são os cânticos e os silêncios da noite.



Sobre as Roupas



o tecelão disse, Fala-nos das Roupas.

E ele respondeu:

As vossas roupas ocultam muita da vossa beleza, no entanto não ocultam a fealdade.

E embora procureis no vestuário a liberdade da privacidade, podereis encontrar nele grilhetas.

Pudesseis vós enfrentar o sol e o vento com mais pele e menos vestuário.

Pois o sopro da vida está na luz do sol e a mão da vida, no vento.

Alguns de vós dizeis, "Foi o vento do norte que teceu as roupas que vestimos."

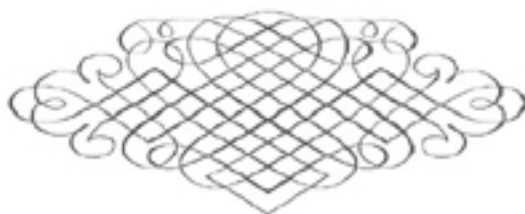
E eu digo, ah, sim, foi o vento do norte, mas a vergonha era o seu ofício e o amolecimento dos tendões o seu tear.

E depois de acabar o seu trabalho foi-se rir para a floresta.

Não esqueçais que a modéstia é um escudo contra o olho do impuro.

E quando o impuro deixar de o ser, que será a modéstia senão um entrave do espírito?

E não vos esqueçais que a terra adora sentir os vossos pés nus, e os ventos anseiam por brincar com os vossos cabelos.



Sobre as Compras e Vendas



um mercador disse, Fala-nos das Compras e das Vendas.

E ele respondeu, dizendo:

Para vós a terra concede os frutos e vós não os aceitareis a menos que saibais como encher as mãos.

É na troca das dádivas da terra que encontrareis a abundância e ficareis saciados.

No entanto, a menos que a troca seja feita com amor e justiça, só trará ganância a alguns e sofreguidão a outros.

E vós, trabalhadores do mar e campos e vinhas, quando no mercado encontrardes os tecelões, os oleiros e os mercadores de especiarias, invocai então o espírito superior da terra, para que venha para o meio de vós e abençoe as balanças e as medidas que avaliam valor contra valor.

E não admitais que os de mãos estéreis participem nas vossas transacções, pois eles trocariam as suas palavras pelo vosso trabalho.

A tais homens deveis dizer:

"Vinde connosco aos campos, ou ide com os nossos irmãos para o mar e atirai as vossas redes;

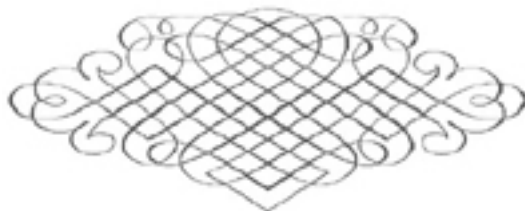
Pois a terra e o mar serão tão generosos para vós como têm sido para nós."

E se aparecerem os dançarinos e cantores e tocadores de flauta, aceitai também as suas ofertas.

Pois também eles recolhem frutos e incensos, e aquilo que trazem, embora disfarçado de sonhos, é alimento para a vossa alma.

E antes de sairdes do mercado certificai-vos de que ninguém saiu de mãos vazias.

Pois o espírito superior da terra não dormirá em paz ao vento enquanto não forem satisfeitas as necessidades dos mais pequenas de vós.



Sobre o Crime e o Castigo



Então, um dos juizes da cidade avançou e disse, Fala-nos do Crime e do Castigo.

E ele respondeu, dizendo;

É quando o vosso espírito vagueia pelo vento que vós, solitários e indefesos, fazeis mal aos outros e também a vós mesmos.

E pelo mal que fazeis deveis bater à porta dos abençoados e esperar.

O vosso eu interior é como o oceano;

Permanece para sempre imaculado.

E, tal como o etéreo, só ergue os seres alados.

O vosso eu interior é como o sol;

Não conhece os esconderijos da toupeira nem procura as tocas da serpente.

Mas o vosso eu interior não habita sozinho dentro de vós.

Muito em vós ainda é humano, e muito não o é.

Mas um pigmeu disforme que caminha sonâmbulo no nevoeiro à procura do seu próprio despertar.

E é do homem em vós que agora irei falar.

Pois é ele e não o vosso eu interior, nem o pigmeu no nevoeiro que conhece o crime e o castigo do crime.

Muitas vezes vos ouvi falar daquele que comete um crime como se não fosse um de vós mas um intruso no vosso mundo.

Mas digo-vos que, tal como os santos e os justos não se podem erguer mais alto do que o mais alto que existe em cada um de vós, também os maus e os fracos não podem cair mais baixo do que o mais baixo que existe em vós.

E tal como uma simples folha só amarelece em conjunto com toda a árvore,

Também aquele que comete um crime não o pode fazer sem a anuência secreta de todos vós.

Como numa procissão, caminhais juntos em direcção ao vosso eu interior.

Vós sois o caminho e os caminhante e quando um de vós cai, cai por aqueles que vêm atrás, para os avisar da pedra que encontraram no caminho.

E cai por aqueles que vão à sua frente, que, embora mais rápidos e seguros, não estão livres de tropeçarem na mesma pedra.

E notai que, embora a palavra vos pese no coração:

O assassinado não está isento de responsabilidade pelo seu próprio assassinio, e o roubado não está isento de culpas por o ter sido.

O justo não está inocente dos feitos do malvado, e o que tem as mãos limpas não está limpo dos actos do culpado.

Sim, o culpado é por vezes vítima do ofendido.

E ainda mais vezes é o portador do fardo dos inocentes e rectos.

Não podeis separar o justo do injusto e o bom do mau;

Pois eles andam juntos ante a luz do sol, tal como juntos são tecidos os fios brancos e negros

E quando o fio negro quebra, o tecelão examina todo o tecido e também todo o tear.

Se algum de vós trazer a julgamento a mulher infiel, que também pese o coração do marido e meça a sua alma.

E que aquele que quiser flagelar o ofensor olhe para o espírito do ofendido.

E se algum dá vós punir em nome do que é justo e cortar com o machado a árvore do mal, deixe então que se vejam as raízes;

E encontrará as raízes do bom e do mau, do que dá frutos e do que não dá, entrelaçadas no coração silencioso da terra.

E vós, juizes, que quereis ser justos, que condenação ireis dar àquele que, embora honesto de corpo, é um ladrão de espírito?

Que castigo ireis dar àquele que flagela a carne e também flagela o espírito?

Como procedereis com aquele que nos seus actos é falso e opressor, mas que, no entanto, é também enganado e oprimido?

E como ireis punir aqueles cujos remorsos são maiores do que os crimes que cometeram?

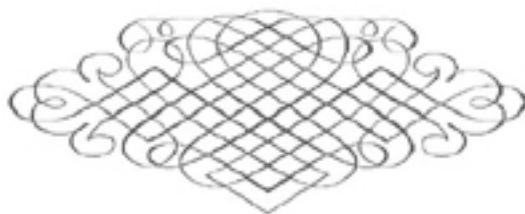
Não será o remorso a justiça que é administrada pela própria lei que quereis servir?

No entanto, não podereis impor o remorso ao inocente, nem arrancá-lo do coração do culpado.

Subitamente, à noite, ele convocará os homens para que olhem para si próprios.

E vós, que deveis entender a justiça, como o podereis fazer a menos que olheis para os factos à plena luz?

Só assim sabereis que o erecto e o caído são um único homem no crepúsculo entre a noite da sua pequenez e o dia da sua espiritualidade, e que a pedra mãe do templo não é mais alta que a mais funda pedra dos seus alicerces.



Sobre os Leis



ntão um homem de leis disse, e as nossas Leis, Mestre?

E ele respondeu:

Deleitais-vos a fazer as leis, no entanto, mais vos deleitais em as desrespeitar.

Como crianças brincando junto ao oceano, a construir castelos de areia com persistência para logo os destruírem alegremente.

Mas enquanto construíis os vossos castelos de areia o oceano traz mais areia para a costa, e, quando vós os destruíis, o oceano ri-se convosco.

Na verdade o oceano ri-se sempre com os inocentes.

Mas que dizer daqueles para quem a vida não é um oceano, e as leis feitas pelo homem não são castelos de areia, mas para quem a vida é uma rocha, e a lei um cinzel que serve para a moldarem à sua semelhança?

Que dizer do aleijado que detesta dançarinos?

Que dizer do boi que gosta do jugo e condena o cisne e o gamo da floresta por serem seres errantes e vagabundos?

Que dizer da velha serpente que não consegue despir-se da sua pele e acusa os outros de estarem nus e não terem pudor?

E daquele que aparece cedo na festa do casamento, e que, depois de bem alimentado e já cansado, se vai embora dizendo que todas as comemorações são violação e os participantes violadores de leis?

Que poderei dizer desses a não ser que também eles estão expostos à luz, mas de costas viradas para o sol?

Só conseguem ver as suas sombras, e as suas sombras são as suas leis.

E que é o sol para eles senão um conjunto de sombras?

E o que significa reconhecer as leis senão curvar-se e traçar as suas sombras na terra?

Mas vós, que caminhais enfrentando o sol, que imagens da terra podereis reter?

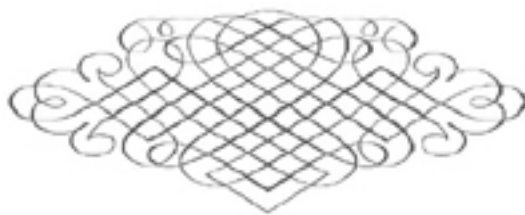
Vós, que viajais com o vento, que catavento poderá orientar o vosso rumo?

Que lei do homem vos prenderá se quebrais o vosso jugo longe da porta da prisão?

Que leis receareis se dançardes mas tropeçardes em grilhetas inexistentes?

E quem vos poderá julgar se despedaçardes as vossas roupas sem todavia as deixardes no caminho de nenhum homem?

Povo de Orfalés, podereis abafar o tambor e alargar as cordas da lira, mas quem poderá impedir a cotovia de cantar?



Sobre a Liberdade



um orador disse, Fala-nos da Liberdade.

E ele respondeu:

Às portas da cidade e junto à lareira já vos vi prostrados a venerarem a vossa própria liberdade.

Tal como os escravos se curvam perante um tirano e o louvam enquanto ele os açoita.

Ah, no bosque do templo e à sombra da cidadela já vi os mais livres de entre vós usarem a liberdade como grilhetas.

E o meu coração sangrou por dentro; pois só se pode ser livre quando o desejo de encontrar a liberdade se tornar a vossa torta e quando deixardes de falar de liberdade como objectivo e plenitude.

Sereis verdadeiramente livres não quando os vossos dias não tiverem uma preocupação nem as vossas noites necessidades ou mágoas.

Mas quando estas coisas rodearem a vossa vida e vós vos ergais acima delas, despidos e libertos.

E como vos podereis erguer para lá dos dias e das noites a menos que quebreis as cadeias que, na aurora do vosso conhecimento, apertastes à volta do entardecer?

Na verdade, aquilo a que chamais liberdade é a mais forte dessas cadeias, embora os seus aros brilhem à luz do sol e vos ofusquem a vista.

E o que é isso senão fragmentos do vosso próprio ser de que vos libertareis para vos tornardes livres?

Se se trata apenas de uma lei injusta que ireis abolir, essa lei foi escrita com a vossa mão apoiada na vossa frente.

Não podereis apagá-la queimando os livros das leis, ou lavando as fontes dos vossos juizes, embora despejis o mar sobre eles.

E se é um déspota que ireis destronar, certificai-vos primeiro de que o trono erigido dentro de vós também é destruído.

Pois como pode um tirano mandar sobre os livres e os orgulhosos, senão exercendo a tirania sobre a liberdade deles e sufocando-lhes o orgulho?

E se se trata de uma preocupação que quereis fazer desaparecer, essa preocupação foi escolhida por vós e não imposta.

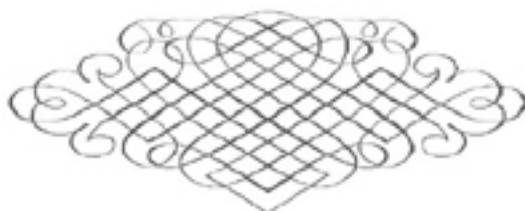
E se é um receio que quereis afastar, a origem desse receio reside no vosso coração e não na mão daquele que receais.

Na verdade, todas as coisas se movem dentro do vosso próprio ser em constante meia união, o desejado e o receado, o repugnante e o atraente, o perseguido e o de quem quereis escapar.

Estas coisas movem-se dentro de vós como luzes e sombras, aos pares, agarradas.

E quando a sombra se desvanece e deixa de ser, a luz que resta torna-se sombra para uma nova luz.

Por isso, a vossa liberdade quando perde as cadeias torna-se ela própria uma cadeia de maior liberdade.



Sobre a Razão e a Paixão



a sacerdotiza voltou a falar e disse, Fala-nos da Razão e da Paixão.

E ele respondeu, dizendo:

A vossa alma é muitas vezes um campo de batalha, em que a vossa razão e o vosso julgamento estão em guerra contra a vossa paixão e o vosso apetite.

Pudesse eu ser o pacificador da vossa alma e transformaria a discórdia e a rivalidade dos vossos elementos numa união e melodia.

Mas como o poderia fazer, a menos que vós também fosseis pacificadores, amantes de todos os vossos elementos?

A vossa razão e a vossa paixão são o leme e as velas da vossa alma navegante.

Se um de vós navegar e as velas se partirem, só podereis andar à deriva ou ficar imóveis no meio do mar.

Pois a razão, só por si, é uma força confinante; e a paixão, não controlada, é uma chama que arde provocando a sua própria destruição.

Por isso deixai a vossa alma exalar a vossa razão até ao auge da paixão, de forma a poder cantar;

E deixai que ela oriente a vossa paixão com razão, de forma a que a vossa paixão possa viver através da sua ressurreição diária, e, qual fénix, renascer das próprias cinzas.

Eu comparo o vosso julgamento e o vosso apetite com dois hóspedes queridos que recebeis na vossa casa.

Com certeza não iríeis favorecer um mais que o outro; pois aquele que o fizer perderá o amor e a confiança dos dois.

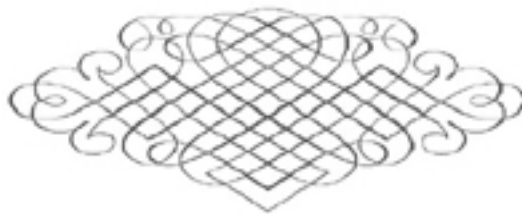
Entre as colinas, quando vos sentais à sombra fresca dos brancos álamos, disfrutando da paz e serenidade dos campos e prados distantes deixai o vosso coração dizer silenciosamente,

"Deus repousa na razão".

E quando vier a tempestade, e o vento forte assolar a floresta, e a trovoada e os relâmpagos proclamarem a majestade do céu, deixai que o vosso coração diga

"Deus move-se na paixão".

E uma vez que sois um sopro na esfera de Deus e uma folha na floresta de Deus, também vós devíeis repousar na razão e mover-vos na paixão.



Sobre a Dor



uma mulher falou e disse, Fala-nos da Dor.

E ele respondeu:

A vossa dor é o quebrar da concha que envolve a vossa compreensão.

Assim como o caroço da fruta tem de fender-se para que o seu coração fique exposto ao sol, também vós deveis conhecer a dor.

E se conseguísseis maravilhar-vos com os milagres diários da vossa vida, a vossa dor não vos pareceria menos intensa do que a vossa alegria;

E aceitariais as estações do vosso coração, tal como haveis aceite as estações que passam sobre o vossos campos.

E passariais com serenidade os invernos das vossas mágoas.

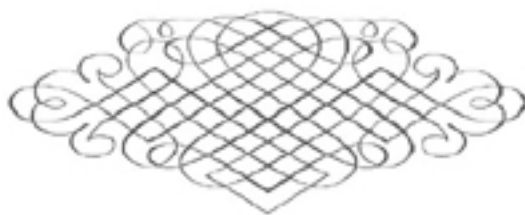
Muita da vossa dor é escolhida por vós.

É a poção amarga com a qual o médico dentro de vós cura o vosso interior doente.

Por isso confiai no médico e bebei o seu remédio em silêncio e tranquilidade:

Pois a sua mão, embora dura e pesada, é guiada pela mão terna do Invisível,

E o cálice que ele vos dá, embora possa queimar os vossos lábios, foi feito com o gesso que o Oleiro humedeceu com as Suas lágrimas sagradas.



Sobre o Auto-conhecimento



então um homem disse, Fala-nos do Auto-conhecimento.

E ele respondeu, dizendo:

Os vossos corações conhecem em silêncio os segredos dos dias e das noites.

Mas os vossos ouvidos anseiam pelo som do conhecimento do vosso coração.

Vós sabeis por palavras aquilo que sempre soubestes em pensamento.

Tocais com a ponta dos dedos o corpo nu dos vossos sonhos.

E ainda bem que assim é.

A nascente oculta da vossa alma deve erguer-se e correr a murmurar para o mar, e o tesouro das vossas profundezas infinitas será revelado perante os vossos olhos.

Mas que não haja medidas para pesar o vosso tesouro desconhecido;

E não procureis as profundezas do vosso conhecimento com limites.

Pois o ser em si não tem limites nem medidas.

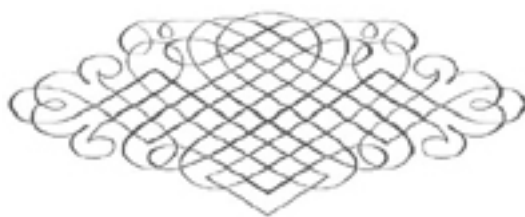
Não digais "Encontrei a verdade", mas antes "Encontrei uma verdade."

Não digais "Encontrei o caminho para a alma", mas antes "Encontrei a alma a seguir o meu caminho".

Pois a alma percorre todos os caminhos.

A alma não percorre uma linha, nem cresce como um caniço.

A alma desvenda-se a si própria como um lotus de incontáveis pétalas.



Sobre o Ensino



Depois um professor disse, Fala-nos do Ensino.

E ele respondeu:

Ninguém vos poderá revelar nada que já não esteja meio adormecido na aurora do vosso conhecimento.

O professor que caminha na sombra do templo, entre os seus discípulos, não dá a sua sabedoria mas antes a sua fé e amor.

Se for realmente sábio, não vos convida a entrar na casa da sua sabedoria, mas antes vos conduz ao limiar do vosso próprio espírito.

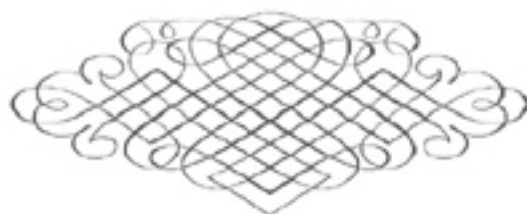
O astrónomo pode falar-vos do seu entendimento do espaço, mas não vos pode dar o seu entendimento.

O músico pode cantar-vos o ritmo do espaço, mas não vos pode dar o ouvido que faz parar o ritmo, ou a voz que dele faz eco.

E aquele que é versado na ciência dos números, pode falar-vos de pesos e medidas, mas não pode levar-vos até lá.

Pois a visão de um homem não empresta as suas asas a outro homem.

E, mesmo que cada um de vós esteja sozinho no conhecimento de Deus, também cada um de vós deve estar sozinho no seu conhecimento de Deus e na sua compreensão da Terra.



Sobre a Amizade



um jovem disse, Fala-nos da Amizade.

E ele respondeu, dizendo:

O vosso amigo é a resposta às vossas necessidades.

Ele é o campo que cultivais com amor e colheis com gratidão.

E é o vosso apoio e o vosso abrigo.

Pois ides até ele com fome e procurai-lo para terdes paz.

Quando o vosso amigo fala livremente, vós não receais o "não", nem retendes o " não".

E quando ele está calado o vosso coração não deixa de ouvir o coração dele;

Pois na amizade, todos os pensamentos, todos os desejos, todas as esperanças nascem e são partilhadas sem palavras, com alegria.

Quando vos separais de um amigo não fiqueis em dor, pois aquilo que mais amais nele tornar-se-à mais claro com a sua ausência, tal como a montanha, para quem a escala, é mais nítida vista da planície.

E não deixeis que haja outro propósito na amizade que não o aprofundamento do espírito.

Pois o amor que só procura a revelação do seu próprio mistério, não é amor mas uma rede lançada que só apanha o que não é essencial.

E deixai que o que de melhor há em vós seja para o vosso amigo.

Já que ele tem de conhecer o refluxo da vossa maré, que conheça também o seu fluxo.

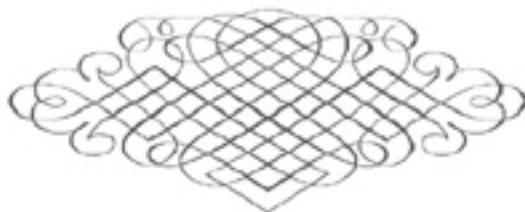
Pois para que serve o vosso amigo se só o procurais para matar o tempo?

Procurai-o também para viver.

Pois ele preencher-vos-à os desejos, mas não o vazio.

E na doçura da amizade que haja alegria e a partilha de prazeres.

Pois é nas pequenas coisas que o coração encontra a frescura da sua manhã.



Sobre a Conversa



Então um erudito disse, Fala-nos da Conversa.

E ele respondeu, dizendo:

Vós falais quando deixais de estar em paz com os vossos pensamentos, e quando já não conseguis lidar com a solidão do vosso coração, viveis com os lábios e o som é uma diversão e um passatempo.

E, em muita da vossa conversa, o pensamento fica amordaçado.

Pois o pensamento é um pássaro do espaço que numa gaiola de palavras pode abrir as asas mas não pode voar.

Há muitos de entre vós que procurais a conversa com medo de estardes sozinhos.

O silêncio da solidão revela aos vossos olhos os vossos eus despidos e eles querem escapar.

E há aqueles que falam, e sem conhecimento ou premeditação revelam uma verdade que nem eles próprios entendem.

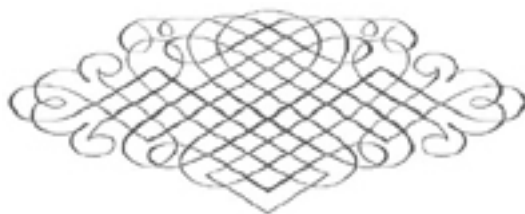
E há aqueles que têm a verdade dentro de si, mas não a dizem por palavras.

E é no seio destes que o espírito habita em silêncio rítmico.

Quando encontrais o vosso amigo na rua ou no mercado, deixai que o vosso espírito conduza os vossos lábios e dirija a vossa língua.

Deixai que a voz dentro da vossa voz fale ao ouvido do seu ouvido, pois a sua alma guardará a verdade do vosso coração tal como se guarda o sabor do vinho.

Quando já se esqueceu a cor e já não temos a taça.



Sobre o Tempo



um astrónomo disse, Fala-nos do Tempo.

E ele respondeu:

Se dependesse de vós mediríeis o imedível e o incomensurável.

Ajustaríeis a vossa conduta e até dirigiríeis o rumo do vosso espírito de acordo com as horas e as estações.

Do tempo faríeis um ribeiro em cuja margem vos sentaríeis a vê-lo fluir.

No entanto, o intemporal em vós está consciente do intemporal da vida, e sabe que o ontem não é senão a memória do hoje, e o amanhã é o sonho de hoje.

E aquele que dentro de vós canta e contempla, habita ainda dentro dos limites daquele primeiro momento que espalhou as estrelas no firmamento.

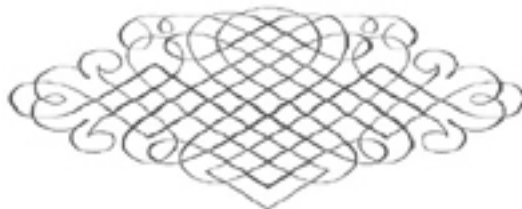
Quem, dentre vós, não sente que a sua capacidade para amar é ilimitada?

E, no entanto, também sente que esse mesmo amor, embora ilimitado, está confinado no âmago do seu ser, não se movendo de pensamento amoroso para pensamento amoroso, nem de actos de amor para actos de amor.

E não será o tempo, tal como o amor, indivisível e imóvel?

Mas se em pensamento quiserdes medir o tempo em estações, deixai que cada estação abrace todas as outras.

E deixai que o hoje abrace o passado com saudade e o futuro com ansiedade.



Sobre o Bem e o Mal



um dos anciãos da cidade disse, Fala-nos do Bem e do Mal.

E ele respondeu:

Do bem que existe em vós posso falar, mas não do mal.

Pois que é o mal se não o bem torturado pela sua própria fome e sede?

Na verdade, quando o bem está esfomeado procura alimento até nas cavernas mais escuras, e quando tem sede bebe até de águas paradas.

Vós sois bons quando sois unos dentro de vós.

No entanto, quando não sois unos dentro de vós, não sois maus.

Pois uma casa dividida não é um tugúrio de ladrões, é só uma casa dividida.

E um navio sem leme pode vaguear sem destino por entre ilhas perigosas, e no entanto não se afundar.

Vós sois bons quando vos tentais dar.

No entanto, não sois maus quando procurais proveito.

Pois quando procurais proveito não passais de uma raiz que se agarra à terra e lhe suga o seio.

Com certeza que a fruta não pode dizer à raiz

"Sê como eu, madura e cheia e sempre abundante."

Pois para a fruta, dar é uma necessidade, tal como receber é uma necessidade para a raiz.

Vós sois bons quando estais completamente despertos.

No entanto, não sois maus quando dormis enquanto a vossa língua murmura sem sentido.

E até um discurso sem sentido pode fortalecer uma língua fraca.

Vós sois bons quando ergueis firmemente o vosso objectivo com passos ousados.

No entanto, não sois maus quando caminhais com hesitação.

Até aqueles que caminham com hesitação não andam para trás.

Mas vós que sois fortes e determinados, evitai hesitar ante os indecisos, nem que seja por bondade.

Vós sois bons de inúmeras formas e não sois maus quando não sois bons.

Sois apenas vagabundos e ociosos.

É pena que o veado não possa ensinar a rapidez à tartaruga.

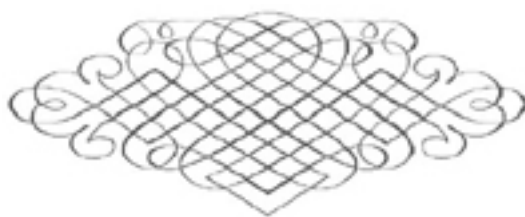
Mas o vosso desejo pelo vosso eu gigante reside na vossa bondade: e essa bondade está no todo de vós.

Mas em alguns de vós esse desejo é uma corrente que se dirige para o mar, levando os segredos das encostas e as canções da floresta.

E noutros é um ribeiro sereno que se perde nos ângulos e nas curvas antes de chegar à costa.

Mas que aquele que deseja muito não diga àquele que deseja pouco "por que razão és lento e ocioso?"

Pois aquele que é verdadeiramente bom não pergunta ao nu "onde está a tua roupa?", nem ao sem abrigo "o que aconteceu à tua casa?"



Sobre a Oração



Depois uma sacerdotisa disse, Fala-nos da Oração.

E ele respondeu, dizendo:

Vós orais na aflição e na necessidade; também devíeis orar na alegria e nos tempos de abundância.

Pois o que é a oração senão a expansão de vós no ar vivo?

E se vos dá consolo largar vossa escuridão no espaço, também vos deve dar felicidade lançar o vosso coração à aurora.

E se só conseguirdes chorar quando a vossa alma vos chamar à oração, ela vos estimulará até que, ainda a chorar, vos comeceis a rir.

Quando rezais encontrais no ar aqueles que rezam à mesma hora e que, se não fosse na oração, nunca encontraríeis.

Por isso deixai que a vossa visita a esse templo invisível não seja senão para o êxtase e doce comunhão.

Pois não deveis entrar no templo com outro objectivo que não seja o de pedir aquilo que não recebereis:

E se lá entrardes com humildade assim permanecereis:

Ou mesmo se lá entrardes para pedir favores para os outros não sereis ouvidos.

É suficiente que entreis invisíveis no templo.

Não vos posso ensinar a orar por palavras.

Deus não ouve as vossas palavras a não ser quando ele próprio as murmura

Através dos vossos lábios.

E não vos posso ensinar a oração dos mares e das florestas e das montanhas.

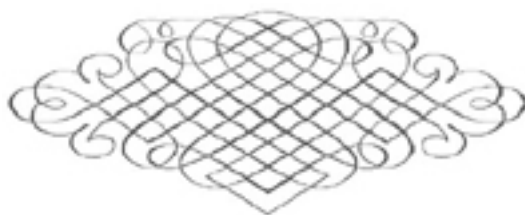
Mas vós que nascestes nas montanhas e nas florestas e nos mares, encontrareis a oração nos vossos corações, e se escutardes na quietude da noite, ouvi-los-eis dizer em silêncio:

"Nosso Deus, que sois o nosso eu alado, é a vossa vontade em nós que quer.

E o vosso desejo em nós que é desejado.

É a vossa vontade para que tornemos as nossas noites que são vossas, em dias que são igualmente vossos.

Não vos podemos pedir, pois conheceis os nossos desejos antes de nós próprios nascermos, vós sois o nosso desejo, e em dar-nos mais de vós, dais-vos todo."



Sobre o Prazer



Então um eremita que visitava a cidade uma vez por ano, avançou e disse, Fala-nos do Prazer.

E ele respondeu, dizendo:

O prazer é uma canção de liberdade, mas não é a liberdade.

É o desabrochar dos vossos desejos, mas não é os seus frutos.

É um chamamento profundo para as alturas, mas não é profundo nem alto.

É o encarcerado a ganhar asas, mas não é o espaço que o circunda.

Sim, na verdade, o prazer é uma canção de liberdade.

E bem gostaria que a cantásseis com todo o vosso coração;

No entanto, não percais os vossos corações nos cânticos.

Alguma da vossa juventude procura o prazer como se isso fosse tudo, e esses são julgados e punidos.

Eu não os julgaria nem puniria.

Gostaria que empreendessem a busca.

Pois eles encontrarão prazer, mas não só.

Sete são as suas irmãs, e a mais insignificante delas é mais bela que o prazer.

Nunca ouviram a história do homem que cavava a terra para encontrar raízes e descobriu um tesouro?

E alguns de vós, mais velhos, recordam os prazeres com remorsos.

Como erros cometidos quando estavam bêbedos.

Mas o remorso só obscurece o espírito e não o castiga.

Deveriam lembrar-se dos prazeres com gratidão, tal como fariam após uma colheita no verão.

No entanto, se os conforta sentir o remorso, deixai-os confortarem-se.

E há entre vós aqueles que não são nem suficientemente jovens para empreender a busca, nem suficientemente velhos para se lembrarem;

E no medo deles de procurarem e se lembrarem, conseguem afastar todos os prazeres, a menos que negligenciem o espírito.

Mas até na antecipação reside o seu prazer.

E assim também eles encontram um tesouro, embora procurem as raízes com mãos trémulas.

Mas dissei-me, quem pode ofender o espírito?

Será que o rouxinol consegue ofender a quietude da noite ou o brilho das estrelas?

E as vossas chamas ou fumo conseguem carregar o vento?

Pensais que o espírito é um lago imóvel que podeis perturbar?

Muitas vezes ao negardes a vós mesmos o prazer, estais a ocultar o desejo nos recônditos do vosso ser.

Quem sabe que o que parece ser omitido hoje espera por amanhã?

Até o vosso corpo conhece a sua herança e as suas necessidades e não sairá desiludido.

E o vosso corpo é a harpa da vossa alma, e é a vós que compete extrair dela uma doce melodia ou sons confusos.

E no vosso coração, perguntais,

"Como distinguiremos o que é bom no prazer do que não é?"

Ide para os vossos campos e jardins e aprendereis que o prazer da abelha consiste em retirar o mel da flor.

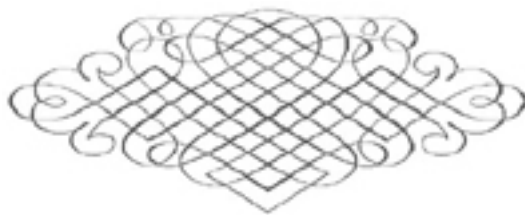
Mas também a flor tem prazer em dar o seu mel à abelha.

Pois para a abelha a flor é uma fonte de vida.

E para a flor a abelha é mensageira de amor.

E, para ambas, abelha e flor, o dar e o receber de prazer é uma necessidade e um êxtase.

Povo de Orfalés, olhai para os vossos prazeres como as abelhas e as flores.



Sobre a Beleza



um poeta disse, Fala-nos da Beleza.

E ele respondeu:

Onde podereis procurar a beleza, e onde a encontrareis, a menos que ela própria cruze o vosso caminho e vos guie?

E como falareis dela a não ser que ela seja o artífice dos vossos discursos?

O humilhado e o ofendido dizem,

"A beleza é compassiva e gentil.

Tal como uma mãe tímida da sua própria glória, caminha entre nós."

E o apaixonado diz

"Não, a beleza é coisa de poder e temor.

Tal como a tempestade, ela abala a a terra sob nós e o céu por cima de nós."

Os cansados e exaustos dizem,

"A beleza consiste em suaves murmúrios.

Fala no nosso espírito.

A sua voz ouve-se nos nossos silêncios como uma ténue luz que estremece com medo da sombra."

Mas o inquieto diz,

"Já a ouvimos gritar nas montanhas, e com o seus gritos ouviu-se o som dos passos, o bater das asas e o rugir dos leões."

À noite, os guardiães da cidade dizem,

"A beleza virá com a aurora do poente."

E ao meio dia os caminhantes dizem,

"Vimo-la debruçada sobre a terra nas janelas do pôr do sol."

No inverno dizem os que recolhem a neve,

"Ela virá com a primavera, saltando pelas colinas."

E no verão os ceifeiros dizem,

"Vimo-la dançar com as folhas do Outono e tinha pedaços de neve no cabelo."

Todas estas coisas dissestes da beleza, no entanto, na verdade, não falastes dela mas de necessidades insatisfeitas, e a beleza não é uma necessidade mas um êxtase.

Não é uma boca com sede nem uma mão vazia estendida, mas antes um coração inflamado e uma alma encantada.

Não é a imagem que veríeis nem o som que ouviríeis, mas antes uma imagem que vedes embora fecheis os olhos, e uma canção que ouvis, embora tapeis os ouvidos.

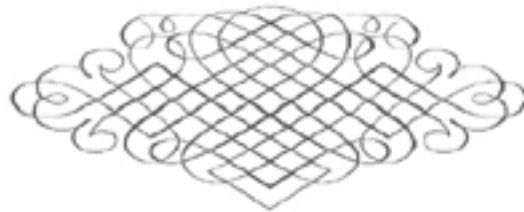
Não é nem a seiva na casca enrugada, nem a asa presa por uma garra, mas antes um jardim sempre em flor e um grupo de anjos sempre a voar.

Povo de Orfalés, a beleza é a vida quando a vida desvenda o seu rosto sagrado.

Mas vós sois a vida e sois o véu.

A beleza é a eternidade a olhar-se ao espelho.

Mas vós sois a eternidade e o espelho.



Sobre a Religião



um velho sacerdote disse, Fala-nos da Religião.

E ele respondeu:

Terei falado de outra coisa até agora?

Não será a religião senão todos os actos e toda a reflexão, e tudo aquilo que não é acto nem reflexão, mas encantamento e surpresa sempre emergentes da alma, mesmo quando as mãos talham a pedra ou trabalham no tear?

Quem poderá separar a sua fé das suas acções, ou as suas crenças das suas ocupações?

Quem pode estender as suas horas perante ele dizendo,

"Isto é para Deus e isto é para mim, isto é para a minha alma e isto para o meu corpo?"

Todas as vossas horas são asas que voam no espaço de um eu para o outro eu.

Aquele que usa a sua moral como a sua melhor indumentária faria melhor se andasse nu.

O vento e o sol não abrirão buracos na sua pele.

E aquele que rege a sua conduta pela ética está a aprisionar numa gaiola o pássaro que canta.

Os cânticos mais livres não saem através de grades nem grilhetas.

E aquele para quem a devoção é uma janela, para abrir mas também para fechar, ainda não visitou a morada da sua alma cujas janelas vão de aurora a aurora.

A vossa vida diária é o vosso templo e a vossa religião.

Cada vez que entraís nela, entrai por inteiro.

Levai a charrua e a forja, o maço e a lira.

As coisas de que precisais por necessidade ou prazer.

Pois em sonhos não podereis erguer-vos acima dos vossos feitos, nem cair mais baixo do que as vossas falhas.

E levai convosco todos os homens, pois na adoração não podereis voar mais alto do que as suas esperanças, nem humilhar-vos mais baixo do que o seu desespero.

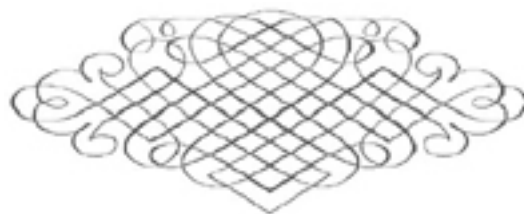
E se quereis conhecer Deus, não pretendais resolver enigmas.

Olhai antes à vossa volta e vê-Lo-eis a brincar com os vossos filhos.

E olhai para o espaço;

Vê-Lo-eis a caminhar sobre as nuvens, de braços estendidos para a luz, descendo sobre a chuva.

Vê-Lo-eis sorrindo no meio das flores, e depois erguer-se e agitar as árvores com as Suas mãos.



Sobre a Morte



Depois Almitra falou e disse, Queríamos que falasses agora da Morte.

E ele respondeu:

Vós conheceis o segredo da morte.

Mas como o encontrareis a menos que o procureis no âmago do coração?

O mocho cujos olhos nocturnos são cegos para a claridade, não pode desvender o mistério da luz.

Se quereis verdadeiramente conhecer o espírito da morte, abri o vosso coração até ao corpo da vida.

Pois vida e morte são uma só, tal como o são o rio e o mar.

Na profundeza do vossos desejos e esperanças está a consciência silenciosa do além;

E tal como as sementes que sonham sob a neve, também o vosso coração sonha com o desabrochar.

Confiai nos sonhos, pois neles está a porta para a eternidade.

O vosso medo da morte não é mais do que o temor do pastor quando se vê perante o rei que ergue a sua mão para o honrar.

E sob a sua tremura, não está feliz o pastor, por trazer em si a insígnia do rei?

E, no entanto, não está mais consciente do seu tremor?

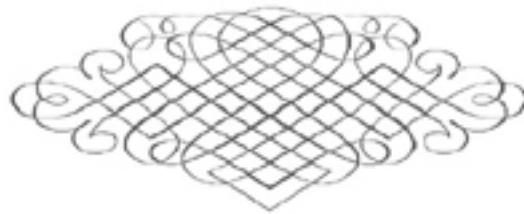
Pois o que é morrer senão ficar nu ao vento e fundir-se com o sol?

E o que é deixar de respirar senão libertar a respiração das suas inquietações a fim de ela poder elevar-se e expandir-se até Deus?

Só quando beberdes do rio do silêncio sereis capazes de cantar.

E quando chegardes ao cimo da montanha, podereis então começar a subir.

E quando a terra reclamar o vosso corpo, então sereis verdadeiramente capazes de dançar.



Os Adeuses



chegou a noite e Almitra, a vidente, disse:

Abençoado seja este dia e este local e o teu espírito que falou.

E ele disse:

Fui eu quem falou?

Não terei sido eu o ouvinte?

Depois desceu os degraus do Templo e todo o povo o seguiu. E chegou junto do seu navio e ficou no convés. E, voltando a encarar o povo, ergueu a voz e disse:

Povo de Orfalés, o vento leva-me a deixar-vos.

Sou menos apressado que o vento, no entanto devo ir.

Nós, os errantes, sempre em busca de caminhos solitários, não acabamos um dia onde o tivermos começado; e nenhum nascer do sol nos encontra onde o pôr do sol nos encontrou.

Viajamos mesmo enquanto a terra dorme.

Somos as sementes da planta perene; e é na maturidade do nosso coração e na sua plenitude que nos entregamos ao vento.

Breves foram os meus dias entre vós, e ainda mais breves as palavras que preferi.

Mas se acaso a minha voz desaparecer dos vossos ouvidos e o meu amor se desvanecer na vossa memória, então eu voltarei.

E com um coração mais rico e a boca mais virada para o espírito eu falarei.

Sim, eu voltarei com a maré, e, embora a morte me possa esconder e o grande silêncio envolver-me, na mesma procurarei a vossa compreensão.

E não será em vão essa procura.

Se aquilo que eu disse é verdade, essa verdade revelar-se-à claramente e em palavras mais perceptíveis para o vosso pensamento.

Vou com o vento, povo de Orfalés, mas não vou no vazio, e se este dia não é o preenchimento dos vossos desejos e do meu amor, então deixai que seja uma promessa para outro dia.

As necessidades do homem mudam, mas não o seu amor, nem o desejo de que o seu amor satisfaça as suas necessidades.

Ficai a saber que, do grande silêncio, eu voltarei.

A neblina que se desvanece de madrugada, deixando o orvalho nos campos, erguer-se-à e juntar-se-à numa nuvem que caíra como chuva.

E eu tenho sido como a neblina.

Na quietude da noite caminhei pelas vossas ruas e o meu espírito entrou em vossas casas, e o bater dos vossos corações esteve no meu coração, e a vossa respiração sobre o meu rosto, e conheci-vos a todos.

Sim, conheci as vossas alegrias e tristezas e, no vosso sono, os vossos sonhos foram os meus sonhos.

E muitas vezes fui entre vós um lago entre as montanhas.

Reflecti em vós os cumes e as encostas, e até os vossos pensamentos e desejos.

E ao meu silêncio chegou o riso das vossas crianças e os desejos dos vossos jovens.

E quando chegarem ao fundo de mim, os riachos e ribeiros não deixaram de cantar.

Mas ainda algo mais doce do que o riso e maior do que o desejo veio até mim.

Foi aquilo que há de infinito em vós;

Foi o homem ilimitado feito de células e tendões;

Aquele em cujo canto está toda a vossa música que mais não é do que uma palpitação silenciosa.

É no homem infinito que sois infinitos.

E foi ao contemplá-lo que vos contemplei e vos amei.

Pois que distancia pode atingir o amor que não fica na vasta esfera?

Que visões, que expectativas e que presunções podem erguer-se acima desse voo?

Tal como um carvalho gigante coberto por rebentos de macieira é o homem infinito em vós.

O seu poder liga-vos à terra, a sua fragrância eleva-vos ao espaço, e na sua durabilidade vós sois imortais.

Foi-vos dito que sois fracos como o mais fraco elo de uma corrente.

Isto é só meia verdade.

Também sois fortes como o seu elo mais forte.

Avaliar-vos pelo mais pequeno feito é julgar o poder do oceano pela fragilidade da sua espuma.

Julgar-vos pelas vossas falhas é culpar as estações pela sua inconstância.

Ah, vós sois como um oceano, e embora navios de grande porte aguardem a maré nas vossas costas, vós, no entanto, tal como o oceano,

Não as podeis apressar.

E, tal como as estações, também vós, no vosso inverno, negais a vossa primavera, no entanto, a primavera que repousa em vós, sorri meio adormecida e não fica ofendida.

Não penseis que digo estas coisas para que digais uns para os outros

"Ele louvou-nos. Só viu o bem em nós."

Só vos falo com palavras que vós próprios conheceis em pensamento.

E o que é a palavra conhecimento senão uma sombra da sabedoria indizível?

Os vossos pensamentos e as minhas palavras são ondas de uma memória selada que mantém registados os nossos ontens, e os dias antigos quando a terra não nos conhecia nem se conhecia a si própria, e as noites em que a terra estava mergulhada em caos.

Homens sábios vieram oferecer-vos a sua sabedoria.

Eu vim receber a vossa sabedoria:

E encontrei algo maior do que essa sabedoria.

É uma chama espiritual que se encontra em vós, enquanto vós, inconscientes da sua expansão, lamentais o passar dos vossos dias.

É a vida em busca da vida em corpos que receiam o túmulo.

Aqui não existem túmulos.

Estas montanhas e planícies são um berço e uma escada.

Cada vez que passardes pelo campo onde repousam os vossos antepassados, olhai bem, e ver-vos-eis a vos próprios e às vossas crianças a dançarem de mão dada.

Na verdade, muitas vezes sois felizes sem o saberdes.

Outros há que vieram ter convosco e a quem, por vos terem feito promessas douradas, destes riquezas e poder e glória.

Eu dei-vos menos que uma promessa, e no entanto, fostes bem mais generosos comigo.

Destes-me a minha mais profunda sede da vida.

Não existe maior dádiva para um homem do que aquela que transforma todas as suas metas em lábios ardentes e a vida numa fonte.

E é aqui que está a minha honra e a minha recompensa, pois quando eu vier beber à fonte encontrarei a água viva também sedenta;

E beber-me-à enquanto eu a beberei.

Alguns de vós acharam-me orgulhoso e tímido para receber as vossas oferendas.

Sou na verdade demasiado orgulhoso para receber dinheiro, mas não dádivas.

E embora tenha comido bagas no meio das colinas, enquanto vós teríeis preferido que me sentasse ao vosso lado, e dormido à porta do templo quando me teríeis acolhido de bom grado no vosso lar.

No entanto, não foi o vosso carinhoso interesse pelos meus dias e pelas minhas noites que tornou os alimentos doces na minha boca e encheu o meu sono de visões?

Por tudo isto vos abençoo: Vós dais tudo sem saber que estais a dar.

Na verdade, a bondade que se olha ao espelho transforma-se em pedra, e uma boa acção que se chama a si mesma belos nomes torna-se uma praga.

E alguns de vós chamastes-me distante, embriagado com a minha própria solidão, e dissestes, "Ele fala com as árvores da floresta mas não com os homens.

Ele senta-se sozinho no topo das colinas e olha cá para baixo para a cidade."

A verdade é que subi às colinas e andei por locais remotos.

Como poderia ter-vos visto senão de uma grande altura ou de uma grande distância?

Como se pode estar perto se não se estiver longe?

E outros de entre vós chamastes-me, não por palavras e dissestes-me:

"Forasteiro, forasteiro, amante da alturas inacessíveis, por que vives nos cumes onde as águias fazem os ninhos?

Por que procuras o inatingível?

Que tempestades apanhas com a tua rede, e que diáfanos pássaros caças no céu?

Vem e sê um de nós.

Desce e acalma a tua fome com o nosso pão e a tua sede com o nosso vinho."

Na solidão das vossas almas dissestes estas coisas, mas se a vossa solidão fosse mais profunda saberíeis que eu só procuro o segredo da vossa alegria e da vossa dor, e só andei à caça dos vossos eus mais profundos que caminham pelo céu.

Mas o caçador também foi a presa;

Pois muitas das minhas flechas saíram do arco só para procurarem o meu peito.

E o alado também foi o rastejante;

Pois quando as minhas asas se abriram ao sol, a sua sombra na terra foi uma tartaruga.

E eu, o crente, também fui o descrente;

Muitas vezes coloquei o dedo sobre a minha própria ferida para ter mais fé em vós e maior conhecimento de vós.

Se estas forem palavras vagas não procureis clarificá-las.

Vago e nebuloso é o início de todas as coisas, mas não o seu fim, e eu gostaria que me lembrassem como um princípio.

A vida, e tudo o que vive, é concebido no nevoeiro e não no cristalino.

E quem sabe que o cristalino não é senão o nevoeiro em decadência?

É isto que eu gostaria que recordásseis quando vos lembrardes de mim.

Que aquilo que parece mais fraco e débil em vós é o mais forte e mais determinado.

Não foi a vossa respiração que erigiu e fortaleceu a estrutura dos vossos ossos?

E não foi um sonho que nenhum de vós se lembra de ter sonhado, que construiu a vossa cidade e tudo o que nela existe?

Pudesseis vós ver as marés dessa respiração que deixariais de ver tudo o resto, e se pudésseis ouvir o sussurro do sonho não ouviríeis mais nada.

Mas vós não vedes, nem ouvis e está bem.

O véu que cobre os vossos olhos será erguido pelas mãos que o teceram,

E o gesso que vos enche os ouvidos será quebrado pelas mãos que o moldaram.

E vós vereis

E ouvireis.

No entanto, não lamentareis ter conhecido a cegueira, nem lamentareis ter sido surdos.

Pois nesse dia conhecereis o propósito oculto de todas as coisas, e abençoareis a escuridão tal como abençoariais a luz.

Depois de dizer estas coisas olhou em volta e viu o capitão do seu navio em pé, junto ao leme, a olhar para as velas enfunadas. E disse:

Paciente, mais do que paciente é o capitão do meu navio.

O vento sopra e as velas estão inquietas, até o leme suplica direcção, e, no entanto, o meu capitão aguarda o meu silêncio.

E os meus marinheiros, que escutaram o coro do mar imenso, também eles me ouviram pacientemente.

Agora já não esperarão mais.

Estou pronto.

O ribeiro chegou ao mar, e mais uma vez a mãe imensa aperta o filho contra o seio.

Adeus, povo de Orfalés.

Este dia chegou ao fim.

Fecha-se sobre nós como o nenúfar sobre o seu próprio amanhã.

Aquilo que nos foi dado aqui, conservaremos, e se não for suficiente, então teremos de nos juntar novamente e estender as mãos ao doador.

Não vos esqueçais que voltarei para junto de vós.

Um pouco de tempo e juntarei espuma e pó para outro corpo.

Um pouco de tempo, um momento de descanso sobre o vento e outra mulher me trará dentro de si.

Adeus a vós e à juventude que passei convosco.

Foi só ontem que nos encontrámos num sonho.

Cantástes para mim na minha solidão, e dos vossos desejos construí uma torre no céu.

Mas agora o nosso sono voou e o nosso sonho chegou ao fim e já não é aurora.

O meio dia está sobre nós e o nosso meio despertar tornou-se pleno dia e devemos separar-nos.

Se no crepúsculo da memória nos encontrarmos mais uma vez, voltaremos a falar e cantareis para mim uma canção mais profunda.

E se as nossas mãos se voltarem a tocar noutro sonho, construiremos outra torre no céu.

Assim falando, fez sinal aos marinheiros e logo eles levantaram âncora e desataram o navio e dirigiram-se para oriente. E da multidão ouviu-se um clamor, como saído de um só coração, e ergueu-se no crepúsculo e foi transportado sobre o mar. Só Almitra ficou calada, a olhar para o navio até que ele desapareceu entre a neblina.

E quando toda a gente dispersou, ela continuou imóvel, junto ao cais, lembrando, no seu coração, as palavras dele:

"Um pequeno momento, um momento de descanso sobre o vento e outra mulher me trará dentro de si."

Índice

A Chegada do Navio	1
Sobre o Amor	6
Sobre o Casamento	9
Sobre as Crianças	11
Sobre a Dádiva	13
Sobre a Comida e a Bebida	16
Sobre o Trabalho	18
Sobre a Alegria e a Tristeza	21
Sobre as Casas	23
Sobre as Roupas	26
Sobre as Compras e Vendas	28
Sobre o Crime e o Castigo	30
Sobre os Leis	34
Sobre a Liberdade	36
Sobre a Razão e a Paixão	38
Sobre a Dor	40
Sobre o Auto-conhecimento	42
Sobre o Ensino	44
Sobre a Amizade	46
Sobre a Conversa	48
Sobre o Tempo	50
Sobre o Bem e o Mal	52
Sobre a Oração	55
Sobre o Prazer	57
Sobre a Beleza	60
Sobre a Religião	63
Sobre a Morte	65
Os Adeuses	67